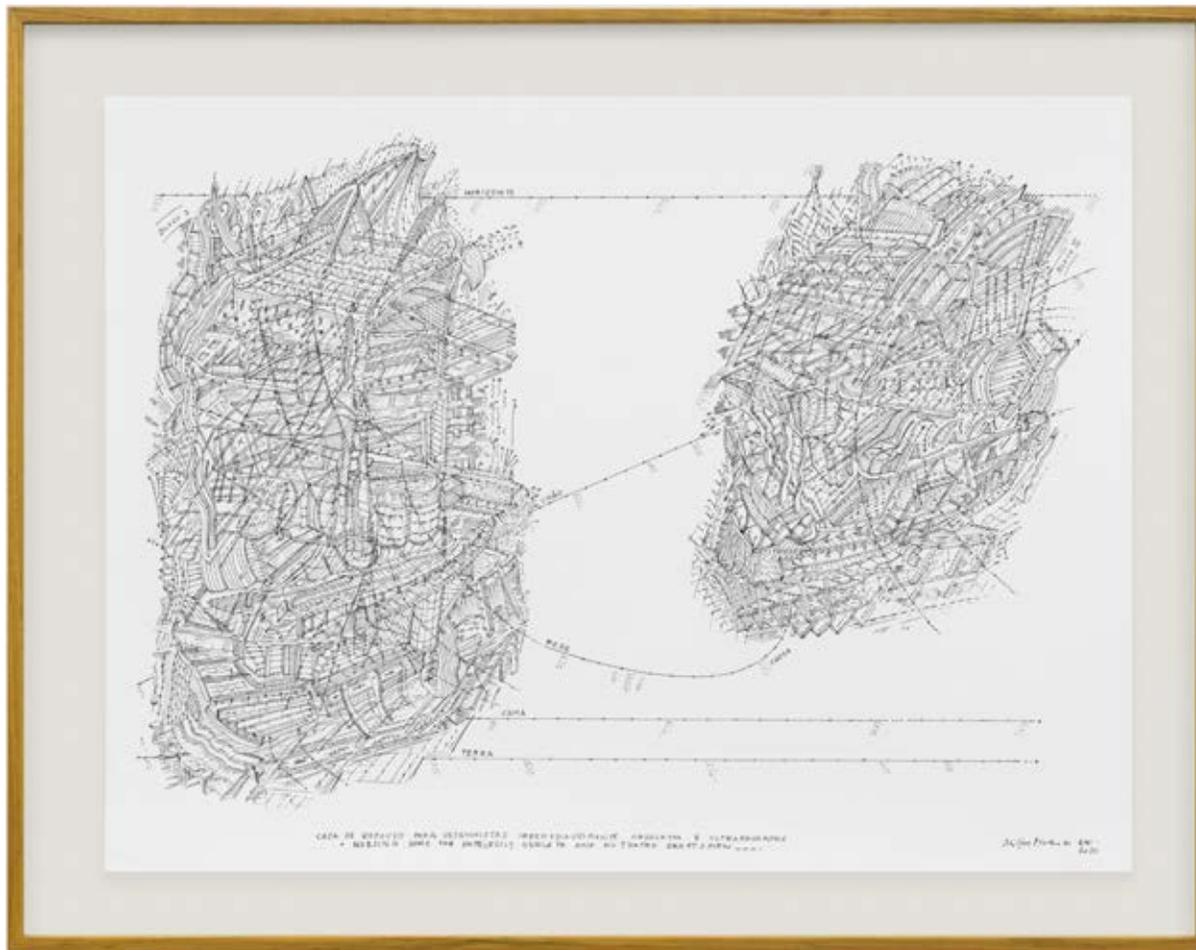


nara roesler



**milton machado. arte não.
desenho.**

nara roesler | rio de janeiro
fevereiro 2021



1. Só pode ser coisa de Mão Pesada, o implicante, o ranzinza Mão Pesada, exibindo orgulhoso sua coroa teórica de tirano rei no topo da pirâmide como quem sabe das coisas. Sua imagem ampliada na vitrine da galeria em 2013 potencializou sua prepotência e arrogância. Afinal, ocupava o lugar de anfitrião, logo na entrada, dando boas vindas a quem chegasse, com aparente simpatia e cumplicidade, mas já armado com sua provocação favorita na ponta da língua, disposto a colocar em xeque a tendência, compartilhada por uns e outros, de chamar de arte aquilo de que, implicante como ele só, Mão Pesada desconfia e questiona.

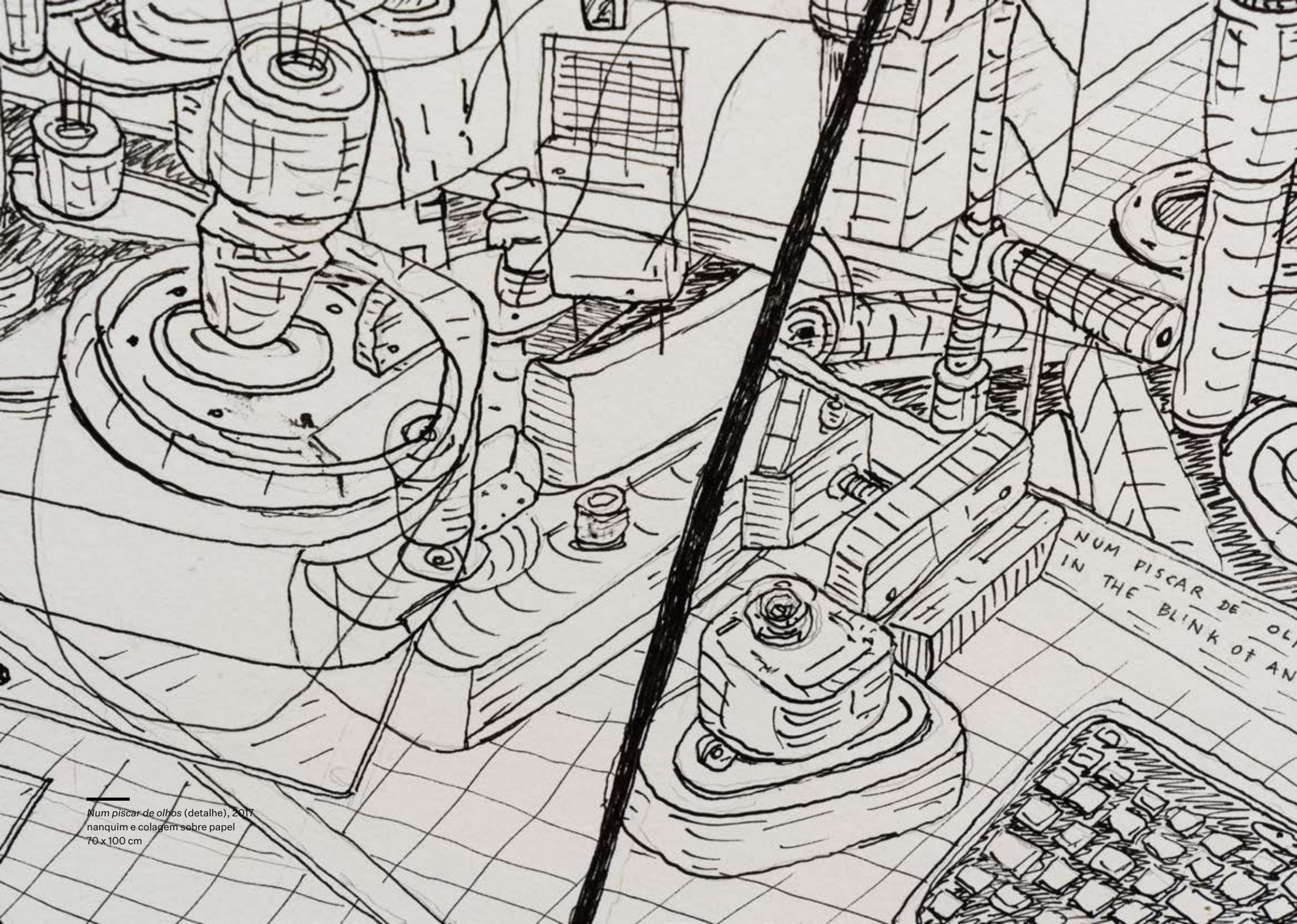
capa Casa de repouso para
desenhistas irremediavelmente
obsoletos e ultrapassados, 2020
nanquim sobre papel
42 x 56 cm



*Desenho feito por um escritor (para
J.G. Ballard), 2019
nanquim sobre papel
42 x 56 cm*



O pânico de Mondrian diante da árvore,
2019
tinta acrílica e nanquim sobre papel
70 x 100 cm



NUM PISCAR DE OLHO
IN THE BLINK OF AN EYE

Num piscar de olhos (detalhe), 2017
nanquim e colagem sobre papel
70 x 100 cm

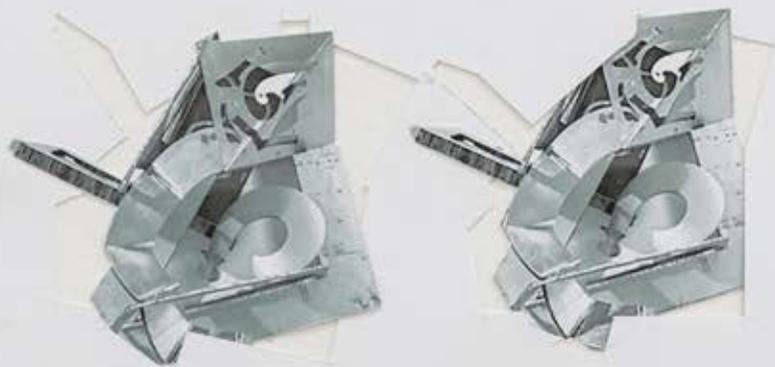
Arte não. Desenho. Mão Pesada não é mal intencionado, apenas pratica uma forma enviesada de Zeitgeist. Por isso devemos levar a sério suas provocações, desafios e desaforos. Por exemplo, tentando baixar um pouco a bola de sua afirmação primordial, que ficaria: “Isso não é arte, ainda. Isso é desenho, já”. Implicância deslavada, claro, mas com alguma coerência. E alguma suavidade.

Tem razão o implicante: podem vir-a-ser arte, essas coisas que temos aí diante dos olhos. E é importante que as chamemos, antes de qualquer outra coisa, de coisas. Podem vir-a-ser arte se assim pretenderem, se forem capazes de segurar o tranco, se tiverem algum “coeficiente de arte”. Esse vir-a-ser tem a ver com o “trabalho do trabalho”: com a transformação de objetos inanimados – coisas – em objetos de arte. Velha manobra dos readymades (embora esses produtos de elaborada, quase maníaca fatura nada tenham a ver com readymades).



Num piscar de olhos, 2017
nanquim e colagem sobre papel
70 x 100 cm

- HI FRANK!
- HI FRANK!
- SAY, ABOUT THOSE CONCRETE ABOUT WHAT? SOMETHING WITH MICHEL'S WORK?
- OH YES, I'M AFRAID HE'S BEEN SORTING HIMSELF OUT AND ON!
- DON'T YOU THINK WE SHOULD DO SOMETHING ABOUT IT?
- YES, BUT WHAT?
- DON'T KNOW, MAYBE TEACH HIM HOW TO PROPERLY USE AN OLFA CUTTER ...



- HMM... OH - YOU DO THAT?
- OH, NO, I DON'T KNOW HOW TO USE AN OLFA CUTTER MYSELF..
- NEITHER DO I ...
- WELL, THEN WHAT?
- WELL, WHAT THEN?
- ...

M. Frank, 2017

Hi Frank, 2017
impressão jato de tinta,
colagem e grafite sobre papel
21,1 x 29,7 cm



Desenho muito escuro com rabo
muito comprido, 2019
tinta acrílica e nanquim sobre papel
70 x 100 cm

2. Quem, afinal, vocês acham que deu títulos a esses desenhos? Ora, Mão Pesada, o próprio. Títulos assinados, não por quem desenhou e assinou os desenhos, mas por quem os questionou. Pura provocação. Querem ver?

*Desenho muito escuro com rabo muito comprido (detalhe), 2019
tinta acrílica e nanquim sobre papel
70 x 100 cm*





Desenhos feitos por artistas
encarcerados, 2019
tinta acrílica, nanquim e grafite
sobre papel
70 x 100 cm



*Desenho prestes a ser destruído por
seu título, 2019
nanquim sobre papel
42 x 56 cm*



Milton Macchudo NOV. 2019

DESENHO QUE FALTA #3

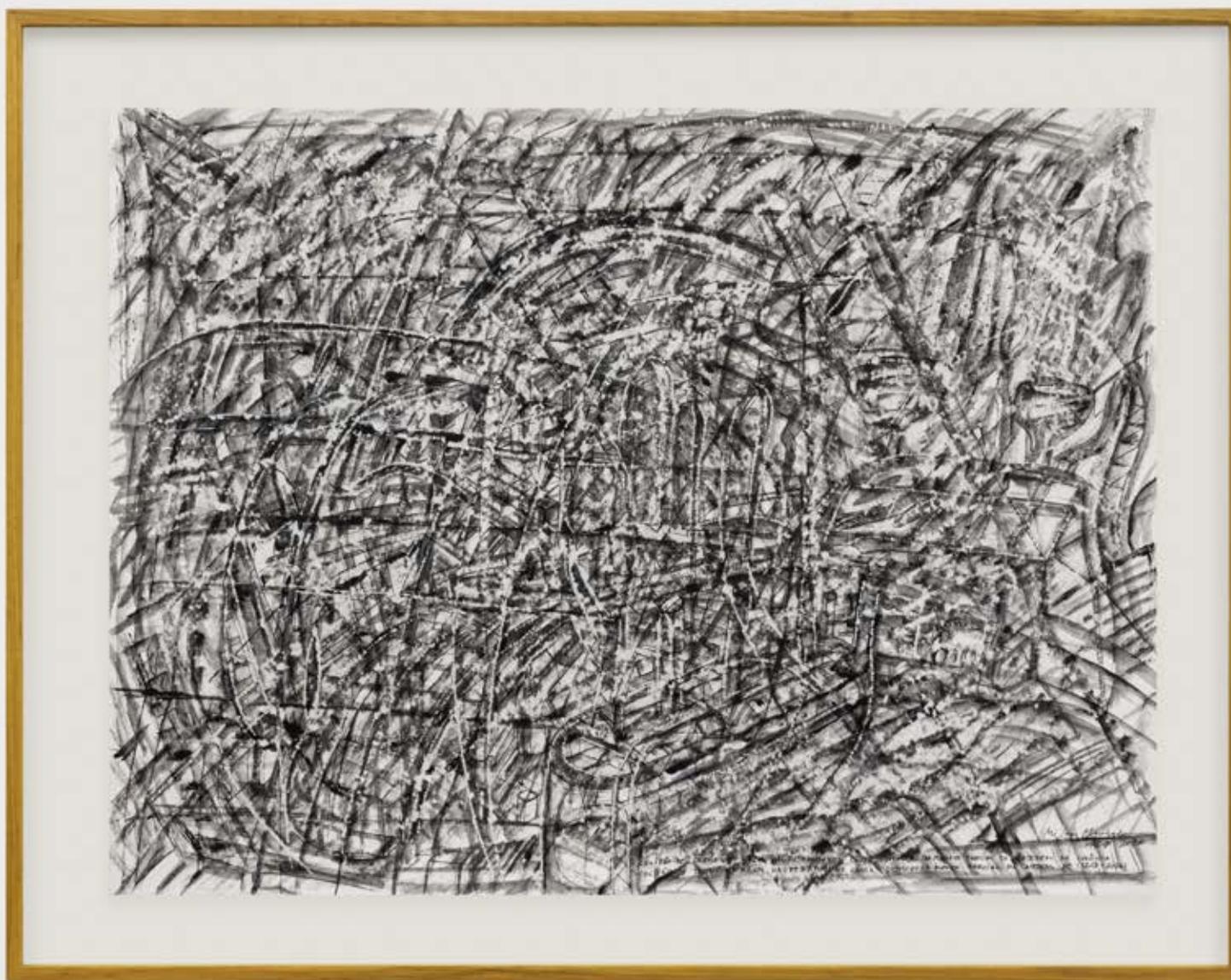
Desenho em que cabem 3 desenhos
que cabem, 3 desenhos que faltam
e 3 desenhos que sobram (detalhe),
2019
tinta acrílica, nanquim e grafite
sobre papel
42 x 56 cm



Desenho em que cabem 3 desenhos que cabem, 3 desenhos que faltam e 3 desenhos que sobram, 2019
tinta acrílica, nanquim e grafite sobre papel
42 x 56 cm

Alguns títulos:

Desenho manco com alguma dificuldade para seguir adiante (observado por peixes). Desenho que só serviu para deixar-me ainda mais (ou menos) constrangido e embaraçado. Pontes ligando pequenos desenhos graciosos com legendas tolas. Desenhos feitos por artistas encarcerados. Pânico de Mondrian diante da árvore. Princípio de incêndio. Desenho muito escuro com rabo muito comprido. Desenho feito com os trapos de sua própria roupa. Casa de repouso para desenhistas irremediavelmente obsoletos e ultrapassados. Grave engavetamento nas proximidades do borracheiro. Desenho sustentado por bengalas observado por peixes. Desenho com dois títulos, ambos rasurados. Armadilha para crocodilos. Desenho organizado como um organismo. Óleo derramado. Desenho prestes a ser destruído por seu título. Desenho em que falta o mais importante. Desenho que ficou de aparecer. Colisão de trens na Köln Hauptbahnhof causa desmoronamento parcial da Catedral de Colônia. Desenho em que cabem 3 desenhos que cabem, 3 desenhos que faltam e 3 desenhos que sobram. Desenho que quase ficou parecido com desenho de um artista cujo trabalho não curto nem um pouco. Falsa unidade (“A confusão produz uma falsa unidade”) [Mondrian]. (para você) Ver de onde ele está. “As pequenas maçãs vermelhas rolavam...”. (Gregor Samsa logo percebeu que o melhor proveito que poderia tirar das maçãs arremessadas contra seu corpo monstruoso seria degluti-las, saboreá-las, alimentar-se com elas, desde que estivessem, como ele, em estado adiantado de putrefação). Num piscar de olhos. Desenho feito por um escritor (para JG Ballard)...



*Colisão de trens na Köln Hauptbahnhof
causa desmoronamento parcial da
Catedral de Colônia, 2020
tinta acrílica sobre papel 42 x 56 cm*

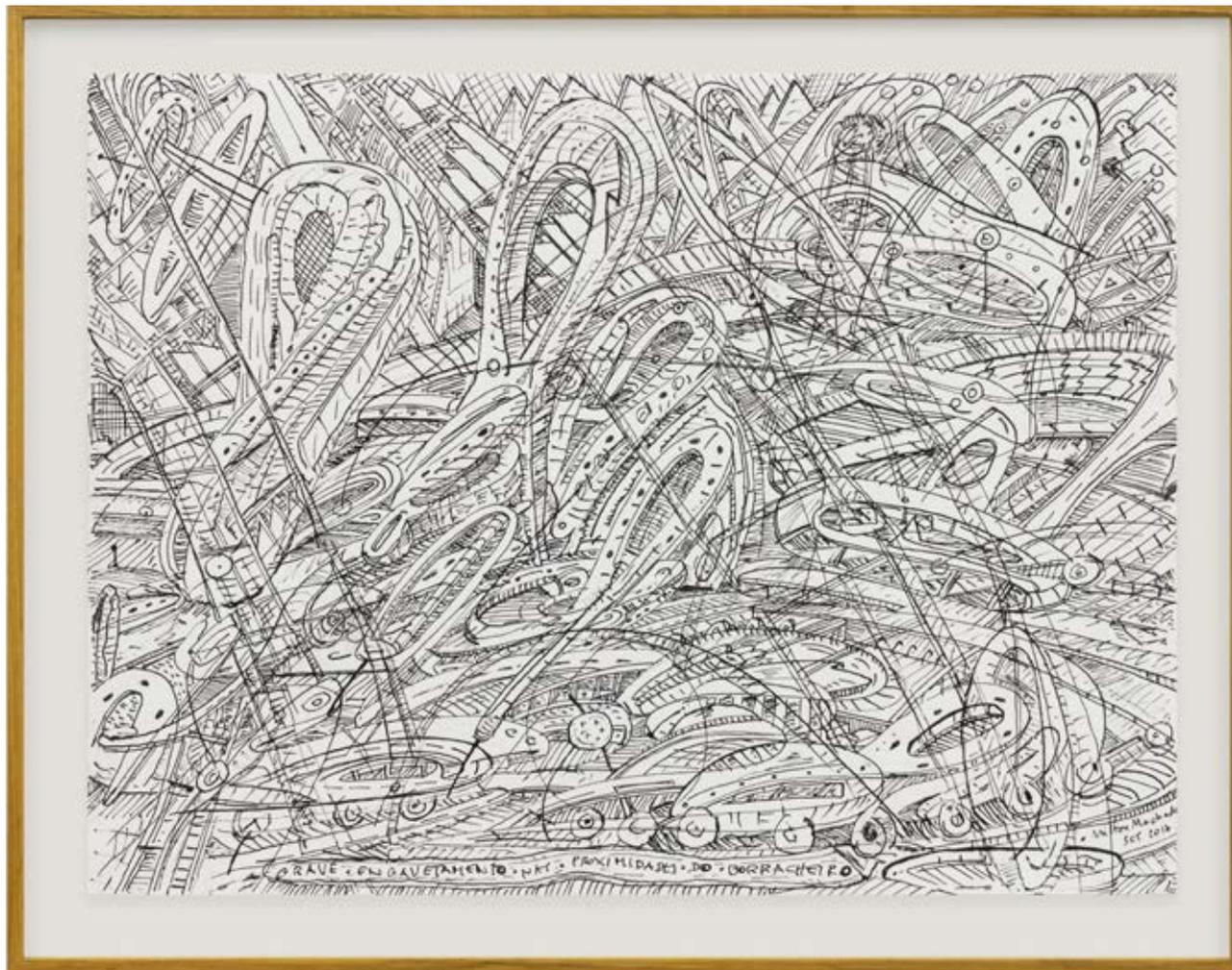


Ponte sobre um lago de nenúfares,
2019
tinta acrílica e nanquim sobre papel
70 x 100 cm

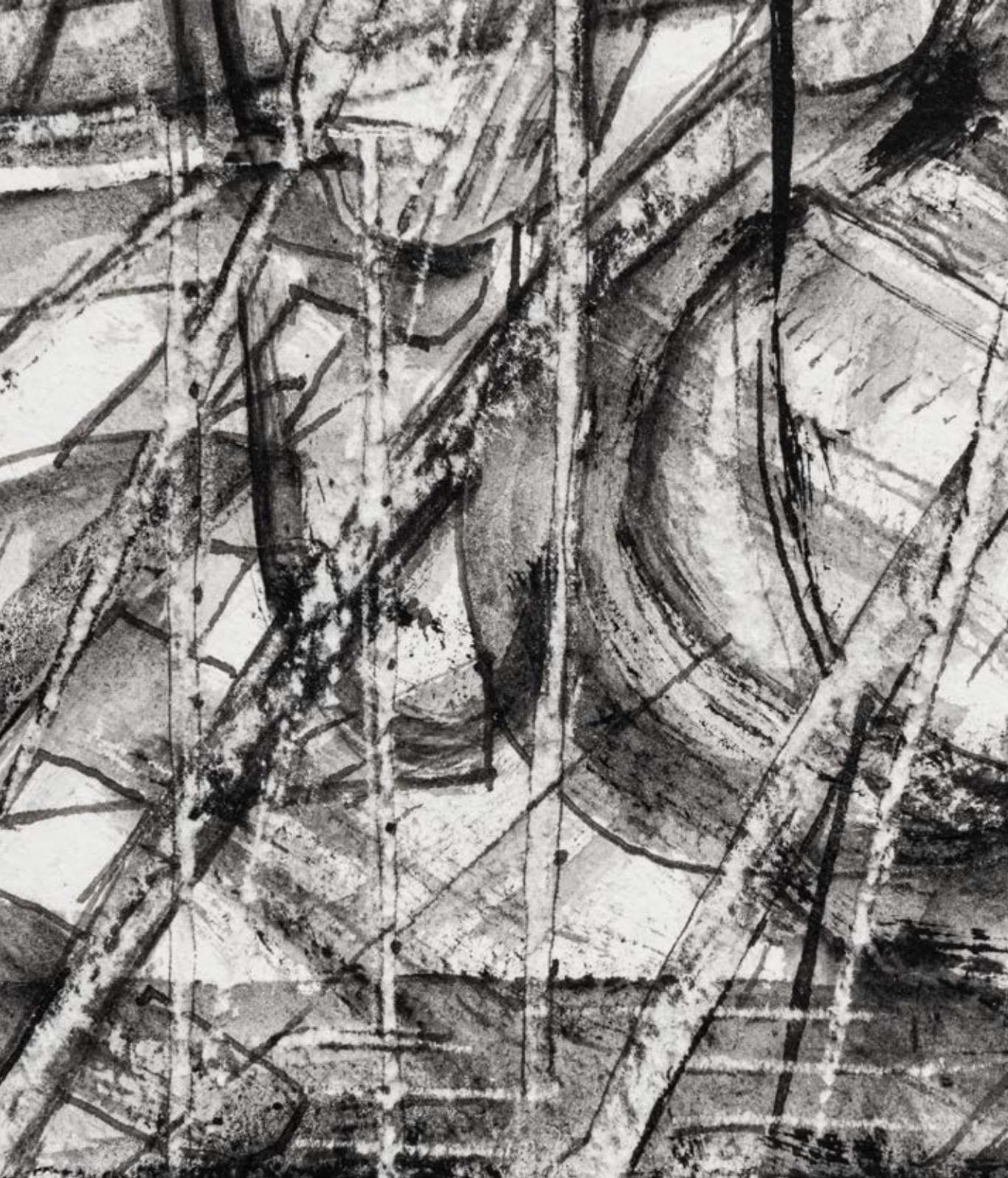
Portanto, uma sucessão de desastres, incêndios, desabamentos, desaparecimentos, encarceramentos, destruições, pânicos, crises de identidade, falsas unidades, armadilhas, confusões, colisões, derramamentos, constrangimentos, obsolescências, putrefações, engavetamentos, faltas, sobras, rasuras, trapos, corpos monstruosos, répteis, desenhos escuros, rabos compridos, entre várias outras modalidades... da tolice. Mão Pesada se vale da possibilidade, ou do risco, de esses desenhos – essas coisas – não passarem da mais deslavada nonsense. Nenhuma arte está livre dessa assombração.

Desenho sustentado por bengalas observado por peixes (detalhe), 2018
nanquim sobre papel
30 x 40 cm



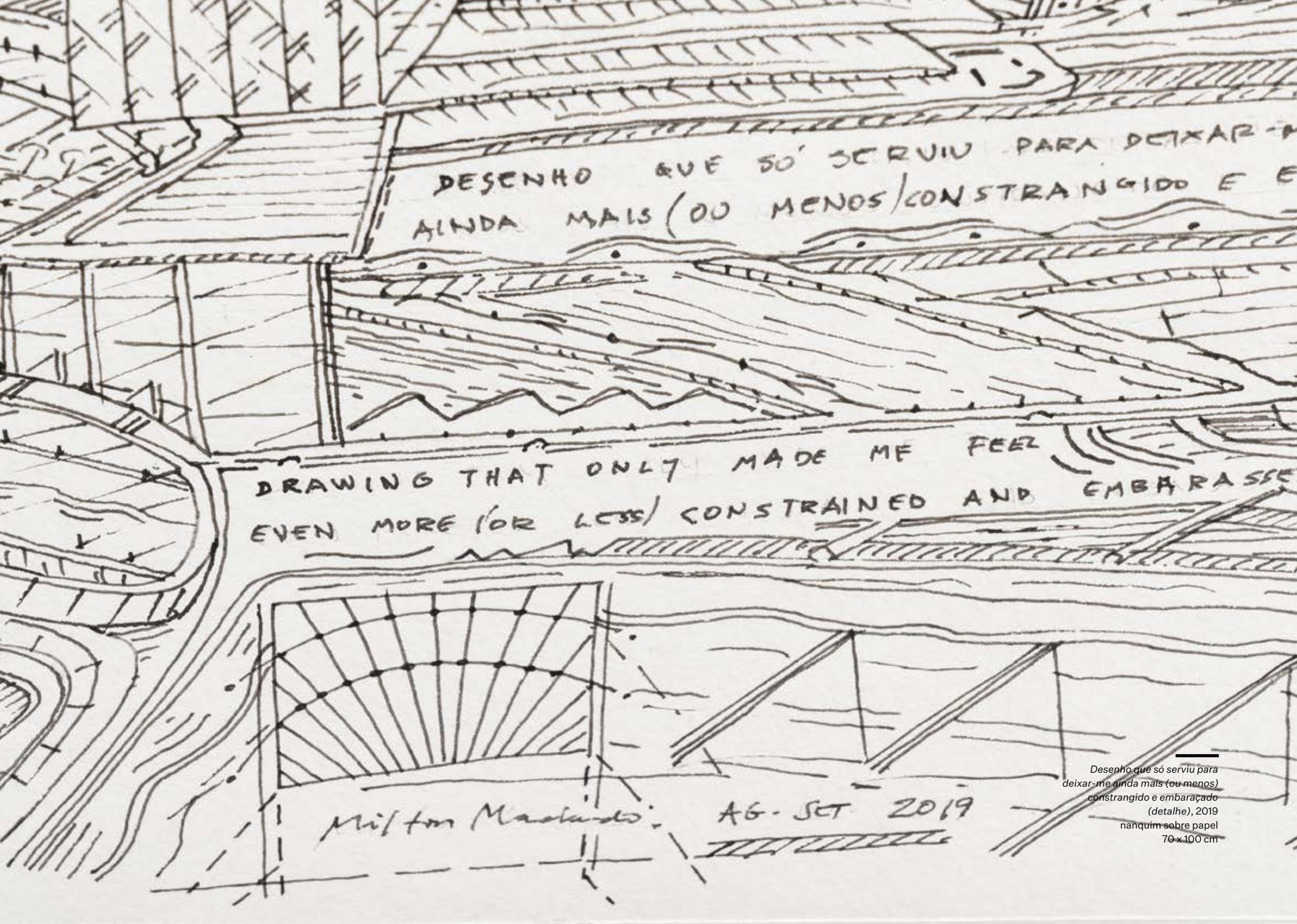


Grave engavetamento nas
proximidades do borracheiro, 2017
nanquim sobre papel
30 x 40 cm



Pessimismo? Não exatamente. Mão Pesada procura compensar sua insistente implicância teórica com alguma esperança de redenção, de recuperação: “Arte não, ainda”. Diz o otimista: “Vivemos o melhor dos mundos”. Retruca o pessimista: “Temo que isso seja verdade” (Bauman). Se e quando passarem a ser arte, esses desenhos serão provas da possibilidade de existência de um mundo melhor. Outra entonação: serão esses desenhos provas da possibilidade de existência de um mundo melhor?

O barbeiro de Cézanne (detalhe), 2017
tinta acrílica e nanquim sobre papel
42 x 56 cm



DESENHO QUE SÓ SERVIU PARA DEIXAR-ME
AINDA MAIS (OU MENOS) CONSTRAINGIDO E E

DRAWING THAT ONLY MADE ME FEEL
EVEN MORE (OR LESS) CONSTRAINED AND EMBARRASSED

Milton Machado

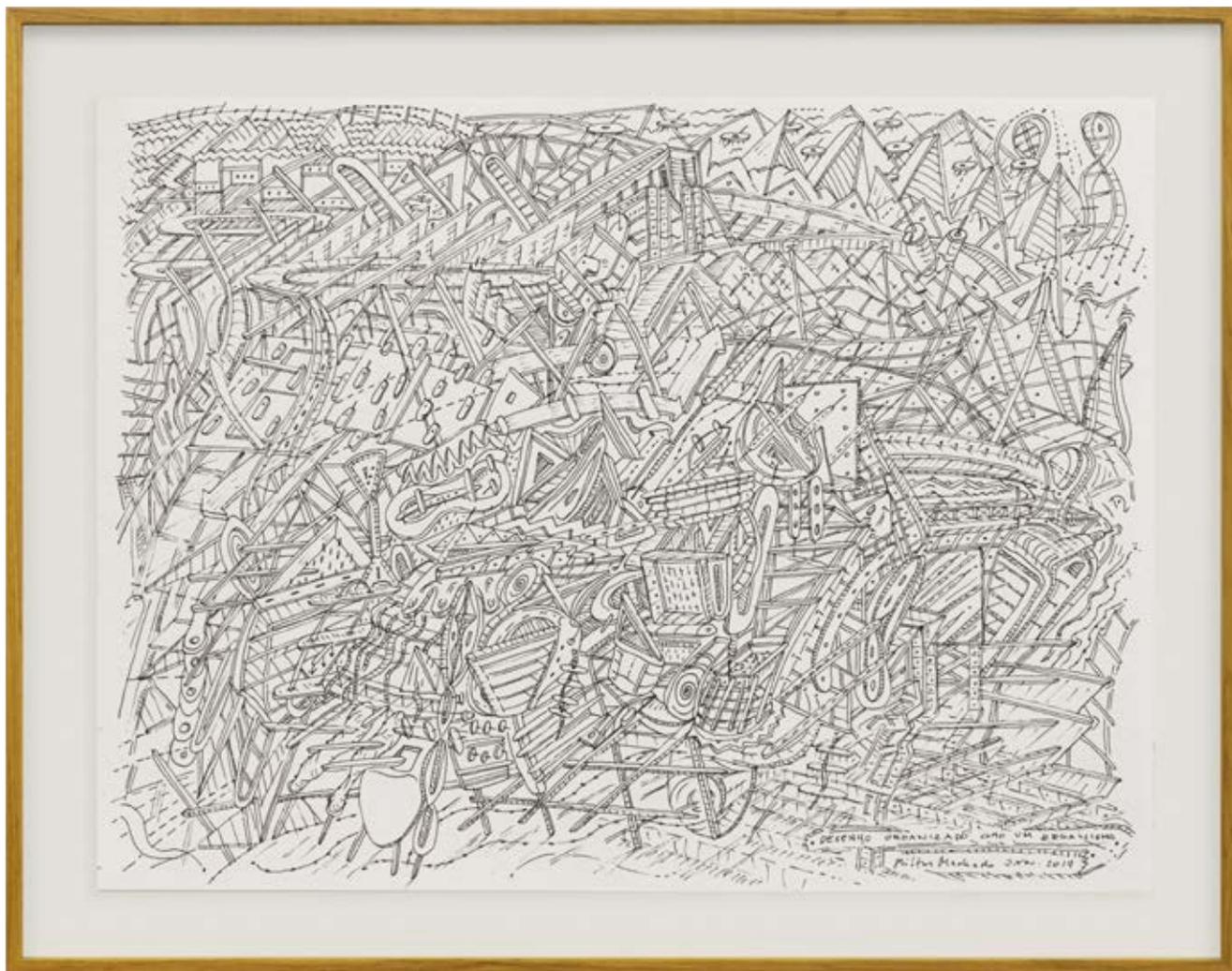
AG-SET 2019

Desenho que só serviu para
deixar-me ainda mais (ou menos)
constrangido e embaraçado
(detalhe), 2019
nanquim sobre papel
70 x 100 cm

3. Encorajado por seu exibicionismo de vitrine, Mão Pesada, para variar, pegou pesado. Vejam o que andou dizendo, em correspondências trocadas por email com “uns e outros” (não necessariamente os mesmos uns nem os mesmos outros), hesitantes entre uma constrangida concordância parcial e a total rejeição.



*Desenho que só serviu para
deixar-me ainda mais (ou menos)
constrangido e embaraçado, 2019*
nanquim sobre papel
70 x 100 cm



Mão Pesada: "Quem esse cara pensa que é, algum Kentridge, mas sem recursos técnicos sofisticados, sem a vastidão sul-africana, sem silhuetas coreografadas, sem viagens à Lua, sem Meliès, para fazer esses desenhos arriscadamente anacrônicos, que nem sequer são animados, achando que vai se safar com isso? Será que ele pensa que pode alinhar suas intrincadas pseudo-arquiteturas com os complexos e enigmáticos espaços de um tresloucado Piranesi? Será que continua chafurdando nos undergrounds alternativos de um Crumb ou nos pináculos culminantes de um Steinberg esperando que justifiquem suas mal ajambradas arqueologias de gibi? Será que pensa que declarar-se a toda hora um 'arquiteto-sem-medidas' basta para desviar a atenção do monstro e conseguir escapar do labirinto? Será que pensa que dedicar desenho a J.G. Ballard bastaria para livrá-lo de um terrível mundo cristalizado, de uma Londres para sempre submersa? Será que pensa que histórias do futuro seriam capazes de livrá-lo do retrocesso e do passado?"

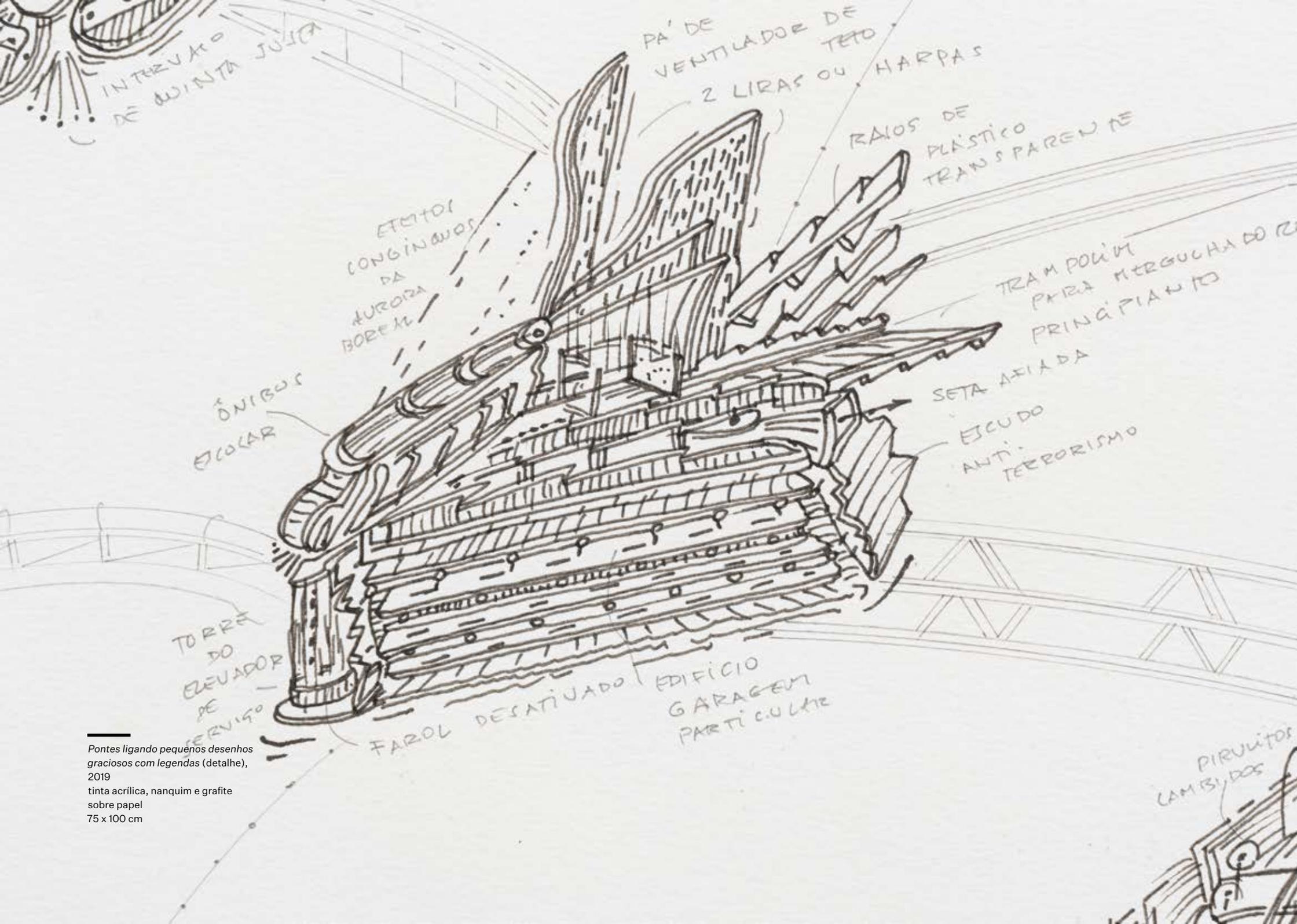
Desenho organizado como um organismo, 2019
nanquim sobre papel
30 x 40 cm

Mão Pesada: "Se ao menos não fossem tão descritivos, tão narrativos, talvez pudessem pretender ser 'mais arte'. Mesmo os desenhos mais abstratos cortejam o figurativo, como ao identificar a ponte japonesa de Monet em uma confusão indefinida de manchas e rabiscos; ou o pânico de Mondrian diante de uma árvore camuflada, tal qual o goleiro de Handke/Wenders diante do penalty. Fossem assumidamente abstratos, não seriam tão formalmente anteriores às crises da representação e à falência das artesanias. Que fossem, pelo menos, aquarelas, vistosas e coloridas, iluminadas pelo frescor das maravilhas e pelo brilho contagiante das obras-primas. Aí sim, mais-que-desenhos, teriam a ver com pintura – teriam a ver com arte". Teriam?

Arte não. Desenho. Fazer o quê, com a implicância de Mão Pesada?

*Pontes ligando pequenos desenhos
graciosos com legendas, 2019*
tinta acrílica, nanquim e grafite
sobre papel
75 x 100 cm





Pontes ligando pequenos desenhos
graciosos com legendas (detalhe),
2019
tinta acrílica, nanquim e grafite
sobre papel
75 x 100 cm



*Luigi Russolo estuda as propostas
de planejamento urbano de
Leonardo para Milão buscando
inspiração para composição musical
futurista a ser protagonizada por
nus velozes, 2019
nanquim sobre papel
42 x 56 cm*



4. Jed Martin é personagem do livro “La carte et le territoire”, de Michel Huellebecq, polêmico escritor francês. Jed, que era fotógrafo, fica muito rico com sua primeiríssima exposição de pintura. Pinturas figurativas que só não são totalmente anacrônicas porque retratam, por exemplo, Steve Jobs conversando com Bill Gates sobre o futuro da tecnologia e da humanidade; ou Jeff Koons e Damien Hirst trocando ideias, venenos e ciúmes discordando sobre o futuro da arte.

O acervo de obras contemporâneas atualmente em circulação exibe um monte de bem-sucedidos anacronismos, n'est-ce pas?

- Milton Machado

*Luigi Russolo estuda as propostas de planejamento urbano de Leonardo para Milão buscando inspiração para composição musical futurista a ser protagonizada por nus velozes (detalhe), 2019
nanquim sobre papel
42 x 56 cm*



Dois círculos (Warchavchik), 2019
tinta acrílica, lápis e colagem
sobre papel
70 x 100 cm



Desenho que ficou de aparecer, 2019
tinta acrílica sobre papel
42 x 56 cm



DESENHO QUE FICOU DE APARECER
DRAWING THAT PROMISED TO SHOW UP

Milton Machado. JUL. 2019

Desenho que ficou de aparecer, 2019
tinta acrílica sobre papel
42 x 56 cm



Mão Pesada, da série
Desenhos Raivosos, 1976
nanquim e lápis de cor sobre papel
34,5 x 51,7 cm

milton machado

n. 1947 no Rio de Janeiro, RJ, Brasil

vive e trabalha no Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Em seus primeiros trabalhos, majoritariamente desenhos realizados durante o período da ditadura, Milton Machado usava sua formação em arquitetura para criar projetos e relatos aparentemente lógicos que, na realidade, eram fictícios e inviáveis. Ao longo das décadas seguintes, o artista aumentou progressivamente a escala de sua produção e ampliou a diversidade dos gêneros utilizados, passando a incluir objetos, esculturas, vídeo, fotografia e grandes instalações. Ainda assim, continua explorando a tensão produzida pelo questionamento dos modelos de conhecimento científico que resulta de suas indagações artísticas.

Com suas intervenções, Milton Machado cria ou evidencia relações que são surpreendentes e reveladoras, preenchendo lacunas entre campos teoricamente separados: indústria e arte, arquitetura e imagem, família e política etc. Evitando conexões explícitas, ele usa a crítica e o humor misturados a um tom de profunda ironia e desilusão, de modo a criar narrativas visuais inventadas. Destaca-se, na sua obra, a série História do futuro, em andamento há 30 anos: uma fábula urbana que mescla teoria crítica, arquitetura e planejamento urbano, para discutir os movimentos dinâmicos e imprevisíveis da vida e morte de uma cidade ficcional.

mostras selecionadas

- **individual** *X*, Galeria Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2016)
- **individual** *Cabeça*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-BH), Belo Horizonte, Brasil (2015)
- **individual** *Cabeça*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-RJ), Rio de Janeiro, Brasil (2014)
- **individual** *Mão pesada*, Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2013)
- **coletiva** *In Memoriam*, Caixa Cultural Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil (2017)
- **coletiva** *Em polvorosa*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2016)
- **coletiva** *Made in Brasil*, Casa Daros, Rio de Janeiro, Brasil (2015)
- **coletiva** *Imagine Brazil*, DHC/ART Foundation for Contemporary Art, Montreal, Canadá (2015)
- **coletiva** *Where the streets have no name*, CSS Bard and Hessel Museum of Art, Nova York, EUA (2014)

coleções selecionadas

- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte de Lima, Peru; Museo Civico Gibellina, Gibellina, Itália
- Daros Foundation, Zurique, Suíça
- Essex Collection of Art from Latin America (ESCALA), University of Essex, Colchester, Reino Unido

nara roesler

são paulo

avenida europa 655,
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor 241,
ipanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5034

nararoesler.art

ny@nararoesler.art